Revista Aulas
ISSN 1981-1225
Dossiê Religião
N.4 – abril 2007/julho 2007
Organização: Karina K. Bellotti e Mairon Escorsi Valério

Gênero e Religião

Karina Kosicki Bellotti
Pós-Doutoranda em História – IFCH/UNICAMP
Correio eletrônico: karinakbellotti@yahoo.com

SOUZA, Sandra Duarte de. (org.) *Gênero e Religião no Brasil:* Ensaios Feministas. 2007. São Bernardo do Campo: Editora da Umesp. 167p.

O livro *Gênero e Religião no Brasil:* Ensaios Feministas reúne oito artigos de pesquisadoras brasileiras da relação entre gênero e religião, a partir de diferentes áreas de conhecimento, como História, Sociologia, Antropologia e Teologia, no que se refere aos grupos católicos e evangélicos.

Uma característica comum aos capítulos é a abordagem da categoria de *representação* religiosa do gênero para compreender a força do imaginário judaico-cristão na manutenção da desigualdade entre os gêneros. Desde o triunfo do cristianismo no Império Romano, a cultura patriarcal judaico-cristã modelou os papéis sociais de homens e mulheres, santificando a opressão masculina e a inferiorização feminina.

Com o desenvolvimento do capitalismo e do cientificismo na Europa a partir do século XVII em diante, o determinismo biológico ajudou a reforçar a divisão das esferas pública e privada conforme a "natureza" de cada sexo – mulheres na esfera privada, dóceis e domesticadas para o lar e para o matrimônio; homens na esfera pública, cuidando da administração, da política e da economia.

A perspectiva desenvolvida no livro segue o feminismo desenvolvido a partir da segunda metade do século XX, que desnaturalizou o discurso sobre gênero. Se, por um lado, as autoras constatam as continuidades das representações sagradas dos gêneros, por outro lado, detectam tensões entre

os discursos sobre os sexos e as práticas das fiéis no cotidiano.

Curiosamente, algumas iniciativas consideradas anti-feministas e conservadoras têm contribuído para realizar alguns pontos da agenda feminista de exercício do poder e de fortalecimento da auto-estima. Porém, há muito que se conquistar em prol da igualdade de direitos entre os sexos, e um caminho proposto por esse livro não é apontar para soluções prontas, mas propor questões para melhor conhecer a realidade que se quer mudar.

É o caso do primeiro capítulo, "Fundamentalismo evangélico e questões de gênero: em busca de perguntas", da historiadora Eliane Moura da Silva. A autora identificou a matriz fundamentalista americana de muitos livros evangélicos de aconselhamento para casais e mulheres de grande circulação em nosso país, que reforçam as representações hierárquicas de gêneros, baseadas em interpretações bíblicas literais. Para compreender o sucesso desse conservadorismo em pleno século XXI, a autora questiona: como e por que evangélicas apropriam-se dos discursos anti-feministas e conservadores que circulam na mídia evangélica e no supermercado cultural evangélico em consolidação no Brasil?

Uma pista encontrada para a expansão das igrejas evangélicas foi a forma como essas igrejas oferecem soluções práticas para diversos problemas, apostando no fortalecimento de laços familiares e da valorização feminina no espaço da igreja e de casa. Acrescentamos outras questões: em que medida as evangélicas estão inseridas no supermercado cultural? Em que medida a mídia de aconselhamento pode ser considerada "eficaz" e quem tende a consumir esse gênero?

O segundo capítulo, "Religião e Secularização: o gênero dos discursos e das práticas das mulheres protestantes", da socióloga Sandra Duarte de Souza, versa sobre as tensões entre os discursos sobre os papéis de gênero correntes nas igrejas protestantes históricas e as práticas de líderes leigas, teólogas e membros dessas instituições. Partindo do contexto de pluralismo religioso, Souza enfatiza a importância de lidarmos com a categoria de *sujeito*

religioso para melhor entendermos religiões e religiosidades que surgem com a destradicionalização das instituições religiosas.

À medida que esse fenômeno provoca o aumento da tradicionalização das igrejas, ele favorece também o trânsito religioso. Esse fenômeno ocorre especialmente entre as mulheres, que estão pressionadas pela dupla jornada de trabalho, e que tendem a fazer sofisticadas negociações de sentidos entre os discursos oficiais cristãos e as demandas do cotidiano. As mulheres entrevistadas por Souza não desvinculam suas práticas dos discursos sobre gêneros, mas os recompõem a fim de dar sentido a relações mais igualitárias em suas vidas.

O quarto capítulo, "Representação de Gênero, Religião e Trabalho Doméstico: Resultados de uma pesquisa entre batistas na cidade de São Paulo", da cientista da religião Naíra Santos, também versa sobre as visões que mulheres e homens batistas da cidade de São Paulo possuem de seus papéis de gênero no que se refere ao trabalho doméstico. Ao fazer pesquisa de campo, a autora mostra as nuanças dos discursos e das práticas dos sujeitos, atentando para o peso que a tradição religiosa ainda possui na ressignificação das tarefas domésticas distribuídas ainda desigualmente entre os muitos casais entrevistados.

O terceiro capítulo, "Religião, mulheres e política institucional: evangélicas e católicas no Rio de Janeiro", das sociólogas Maria das Dores Campos Machado e Cecília Loreto Mariz, analisaram candidatas evangélicas e católicas que concorreram a eleições municipais e estaduais no Rio de Janeiro em 2002 e 2004. Os temas da religião, gênero e política institucional oferecem um amplo campo de estudos, em especial com o aumento da participação de religiosos desde a Assembléia Constituinte de 1986.

As autoras constatam que a ocupação de cargos de poder institucional, um ponto importante da atual agenda feminista, tem sido preenchido por mulheres que não se consideram feministas. Porém, isso não significa que elas venham a agir pela igualdade de gênero nem pela justiça social. A votação é

mais influenciada pela filiação religiosa do que pelo partido e pelo gênero do candidato, o que tem despertado nas igrejas católica e evangélicas iniciativas de preparação de lideranças femininas e de um eleitorado que vote nelas.

O quinto capítulo, “Maternidade e Devoção Marianas: uma âncora na manutenção das desigualdades de gênero”, da cientista da religião Carolina Teles Lemos, parte da idéia de que o conceito de amor maternal é uma construção histórica e cultural do século XVIII, quando o capitalismo industrial europeu definiu espaços sociais para os gêneros. Contudo, um fator importante para a consagração do amor maternal veio da Idade Média, em que as figuras de Maria e de Eva tornaram-se os paradigmas antagônicos para definir a natureza das mulheres.

Esses atributos ressoam até hoje nos discursos de fiéis da igreja da Mãe do Perpétuo Socorro, em Goiânia, entrevistados para a pesquisa acerca das representações sobre maternidade, em que o papel da mãe terrena confunde-se com os atributos da Maria-mãe. A sacralização da maternidade impôs um fardo para muitas mulheres de nossa cultura, ao enfatizar a abnegação e o sacrifício.

Tanto Teles quanto a teóloga Ivone Gebara, autora do sétimo capítulo, “Pensar a rebeldia cristã a partir das relações de gênero”, apostam numa revolução simbólica para se pensar um novo modelo de ser humano. O termo “revolução simbólica” não é citado nesse livro, mas resume a proposta de repensar a simbologia judaico-cristã androcêntrica a fim de elaborar novas visões de mundo quanto aos sexos e diferenças.

Para Gebara, a cultura antecede outras práticas sociais no cotidiano, dando sentido às ações, sentimentos e comportamentos. Por isso relativizar as práticas culturais à luz da história de outros povos e culturas permite dessacralizar os papéis de gêneros. Esse é um ponto importante para a Teologia Feminista e é sobretudo um ato de rebeldia. A rebeldia cristã das mulheres cristãs na História é praticamente desconhecida, sendo dissociada do comportamento esperado das mulheres dentro do cristianismo. Ela pode ser

assumida por todos aqueles que buscam a igualdade e justiça, sendo praticada por todos no seu cotidiano, nas ações mais comuns (p. 145).

Tanto o capítulo “Aids e Religião: uma permanente construção de saberes em diálogo”, pela cientista da religião, Tânia Mara Vieira Sampaio, quanto o último capítulo, “O desejo seqüestrado das mulheres: desafio para a teologia feminista”, da teóloga Luiza Tomita, discorrem sobre questões do corpo e da sexualidade.

Sampaio alerta para o silêncio dispensado dentro das igrejas cristãs – católica e evangélicas - acerca do tema da Aids, o que tem contribuído para o aumento no número de casos de HIV entre mulheres casadas. A abordagem eficiente desse assunto é repensar os discursos culpabilizadores do corpo, colocando a questão de gênero sob perspectiva. Como disse Gebara anteriormente, “A culpa de Eva continua até hoje a nos perseguir” (p. 140). Sampaio enfatiza a dignidade plena do ser humano e o reconhecimento da diversidade cultural e social de nosso país para que a prevenção à Aids seja encampada pelas religiões, sem os estigmas de pecado que o cristianismo imputou aos corpos doentes ao longo de sua história (lepra, tuberculose).

Já Tomita encerra o livro discutindo o crescimento da incidência da bulimia e da anorexia, conseqüências extremas da cultura da dieta e do mito da beleza que têm se difundido pelo mundo há trinta anos. Não coincidentemente, essa cultura surge com a ascensão das conquistas feministas no mercado de trabalho e nas relações pessoais, a partir dos anos 1970, com o intuito de minar a auto-estima até da mais ferrenha feminista. Partindo da análise da anatomia do poder de Foucault, Tomita afirma que não é possível identificar um lugar de origem desse fenômeno, pois a disciplina é reproduzida com efeitos em cadeia, em que o inimigo está entrincheirado em múltiplos campos e conta com a ajuda de suas vítimas.

Para Tomita, o papel das teólogas feministas é conscientizar e “empoderar” as mulheres para que não percam sua auto-estima por conta de um padrão único de beleza, que visa criar corpos dóceis para a submissão

masculina.

A ideologia da beleza traz ecos da simbologia cristã patriarcal, que naturaliza a inferiorização feminina. A exemplo de Gebara, Tomita não acredita que a mensagem cristã do Jesus histórico tenha a ver com o desenvolvimento patriarcal das religiões cristãs, mas ela pergunta se é possível para as mulheres que buscam cidadania continuarem a serem cristãs dentro de estruturas patriarcais.

O livro abre o precedente para outras pesquisas nas intersecções entre gênero e religião, tais como a questão do homossexualismo (tanto de igrejas gays quanto de ministérios de "cura" do homossexualismo), a questão das construções do gênero masculino dentro e fora de espaços de poder; a questão da violência; além da questão de gênero ligada a outras tradições religiosas, como a afro-brasileira, as orientais, islamismo, judaísmo, etc.

Esses textos levantam questões sobre os desafios do feminismo no contexto atual, e reforça a importância de se introduzir a categoria de gênero nas análises sobre questões religiosas da atualidade. Tomita, por exemplo, pergunta se o feminismo não teria errado em não estender sua conscientização para as próximas gerações?

Acrescentamos outras perguntas: Os feminismos respondem a quais anseios, medos e desejos femininos? Até que ponto os discursos feministas têm alcançado as mulheres e como elas têm compreendido suas mensagens? Será que a própria aposta na multiplicidade de subjetividades não dificultaria a aceitação de uma agenda feminista de revolução simbólica? Qual a eficácia dos feminismos em responder às exigências do capitalismo – o fato de algumas vertentes serem críticas a ele não as eximiria de produzir respostas para as angústias que alimentam a indústria da beleza e as desigualdades de sexos? Aliados a quais saberes e práticas os feminismos poderiam fortalecer as mulheres a fim de que elas resgatassem não somente o seu desejo, mas também sua auto-estima e sua dignidade?

Revista Aulas
ISSN 1981-1225
Dossiê Religião
N.4 – abril 2007/julho 2007
Organização: Karina K. Bellotti e Mairon Escorsi Valério

Recebido em abril/2007.

Aprovado em junho/2007.